



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.

ISSN 2594-8806

Ano 3, Vol. V, Número 2, Jul- Dez, 2019, p. 677-704.

## DIMENSÕES FENOMENAIS DA AUTOCONSCIÊNCIA E DO AUTOCONCEITO E OS ELEMENTOS DO SELF: ENLACES FUNCIONAIS

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Antonio Roazzi

Heitor Emanuel Alves Ribeiro

Íris Manuelli de Souza Freire Lopes

Vanessa Bezerra Cornélio Martins

Lucas Nonato Souza e Silva

**Resumo:** Formular uma impressão de si mesmo é essencial para que o indivíduo seja capaz de interagir consigo mesmo e com o meio social que o cerca. A partir dessa premissa surge o conceito de Self. Aliado a isso, aparecem outros conceitos que, da mesma maneira, buscam procurar modos de entender como um sujeito se torna alvo de sua própria atenção - autoconsciência, e como ele pode produzir uma definição de si por meio das suas experiências - autoconceito fenomenal. Assim, este artigo procura expor e relacionar o conceito de self, autoconsciência e autoconceito fenomenal traçando possíveis relações entre pontos de interseção entre os construtos.

**Palavras-Chave:** Self; Autoconsciência; Autoconceito fenomenal; Psicologia Cognitiva.

**Abstract:** Formulating an impression of oneself is essential for the individual to be able to interact with himself and the surrounding social environment. From this premise arises the concept of Self. In addition, other concepts emerge that seek to understand ways in which a subject becomes the target of his own attention - self-awareness, and how he can produce a definition of himself through his experiences - phenomenal self-concept.

Thus, this article seeks to expose and relate the concept of self, self-awareness and phenomenal self-concept by tracing possible relationships between intersection points between these constructs.

**Keywords:** Self; Self-awareness; Phenomenal self-concept; Cognitive Psychology.

Atualmente usado como substantivo, o sufixo “*self*” sempre indicou a forma reflexiva de um pronome na língua inglesa. Às vezes meramente como forma de ênfase.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Em nossa língua portuguesa, para além da voz reflexiva, o termo é utilizado às vezes também como ênfase, e que começou a ser utilizado como substantivo se referindo à tudo aquilo que um sujeito considera como parte de si (James, 1890). Considerado central para autores como James, Rogers, Snygg e Combs, é considerado um termo acessório para autores como Allport (este no começo de sua teorização) e Sullivan (ver Epstein, 1973). Por Freud chamado de “ego”, palavra de origem latina que se refere à primeira pessoa do singular, por outros de “self” e por outros de “*proprium*” também de origem latina, é traduzido às vezes como *Si mesmo* (L’Ecuyer, 1985), as vezes como “eu”, outras como “mim” e outras vezes como “o próprio”. Todavia, à parte diferenças terminológicas, o termo Self é construto próprio ao campo de estudos da psicologia, tão bem quisto pelo campo fenomenal (Epstein, 1973).

Foi dividido em duas facetas, como “observador” e como “coisa observada” (L’Ecuyer, 1985), o qual trataremos a partir da segunda faceta seguindo as conclusões de James e Allport, como dito por Epstein (1973), que dizem o si mesmo, na faceta observador, não pertencem ao campo da psicologia (pois só a segunda faceta possui um correlato experiencial percebido por conta dos indivíduos se referindo a si em primeira pessoa).

Tal construto se mostra de suma importância para a compreensão do comportamento individual, como na proposta de Snygg e Combs (1949) que sugerem trocar o referencial externo pelo interno, mostrando que dois indivíduos numa mesma situação podem emitir respostas opostas, como num exemplo que dão que num carro um dos indivíduos por interpretar um objeto visto à distância como uma pedra tentou tirar o carro da via, enquanto o outro que interpretou o objeto como um *tumbleweed* segurava o volante tentando manter o carro na via (ver L’Ecuyer, 1985). Porém apresenta muitos problemas, para além da terminologia a definição do construto de um modo amplamente aceito parece ainda não ter sido operacionalizada de um modo que permita se alcançar as diversas respostas que se elaboram sobre o indivíduo humano e que possam ser respondidas atendendo às exigências do método científico.

Tal objeto que só pode ser conhecido como “coisa conhecida” graças à autoconsciência, definida como “Quando a atenção é direcionada para dentro e a

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

consciência do indivíduo está focada em si mesma, ele é o objeto de sua própria consciência - então autoconsciência “objetiva” (tradução nossa, vale ressaltar que no trecho acima autoconsciência se refere à *self-awareness*) em Duval e Wicklund (1972, p. 3), ainda traz muitas dúvidas quanto ao impacto que o desenvolvimento possui sobre si. Do ser que passa a se conhecer em uma imagem no espelho ao ser que passa a se ver definido com termos opostos em situações diferentes. Deste ser que se vê de um modo diferente em cada situação que realça certas características enquanto esconde, ou apenas não apresenta, outras ao ser que passa de diversas visões de si localizadas à uma visão fruto de uma resultante da percepção de cada situação que se altera a cada nova informação que recebe. Cada justificativa quebra mostrando uma faceta desconhecida, inesperada, que não corresponde ao que esperava de si. Que exige de si uma narrativa que consiga justificar tal escape.

São perceptíveis as mudanças que as pessoas à volta de qualquer um apresentam com o passar dos anos no seu curso de vida e nada incomum que cada pessoa pense olhando para seu passado, ou se deparando com uma resposta ou sensação que não esperava de si, perceba em si que algo mudou, que se defina de outro modo, que tenha uma nova interpretação de um evento passado. Este artigo se propõe a apresentar um pouco da história dos conceitos, fenômenos e dos eventos que se sucederam no estudo da relação entre autoconsciência, autoconceito, self e seus enlaces funcionais no processamento cognitivo.

## **O Self e sua estrutura multidimensional**

O objetivo dessa seção é fazer uma breve exposição das teorias e abordagens clássicas dadas ao Self na Psicologia, partindo-se da visão inicial de William James (1890), primeiro psicólogo a escrever sistematicamente sobre o Self, discorrendo também sobre a visão do Self como processo social interno do indivíduo defendida por George Mead (1934), emergindo em um modelo de Self mais detalhado proposto por Gordon Allport (1961), finalizando numa concepção mais ampla, complexa e atual do Self

humano desenvolvida por Buss (2001) numa perspectiva sociocognitiva e desenvolvimental.

Um das primeiras formulações sobre o Self foi proposta por William James (1890), que analisou o Self de duas maneiras diferentes. Numa primeira análise, há a proposição teórica do *I-Self* versus o *Me-Self*. O *I-Self* é o sujeito ativo do conhecimento (Eu), aquele que absorve as informações e processa-as. O *I-Self* representa os processos cognitivos, o *Me-Self* é o objeto passivo de ser conhecido (mim), representa o conteúdo representado do Self, os sentimentos e avaliações que as pessoas fazem sobre seus corpos e sobre si mesmas. A distinção feita por James entre o *I-Self* e o *Me-Self* ainda está vigente na teorização em psicologia.

James também divide o Self em três componentes: o *Self material*, o *Self social* e o *Self espiritual*. O *Self material* (material self) consiste em possessões no lar e em outros contextos, dessa forma os bens materiais podem representar extensões do eu, tudo que o Self pode chamar de “meu”; o *Self social* (social self) refere-se aos inúmeros papéis sociais que o indivíduo adota quando com os outros indivíduos: pais, filhos, amigos e colegas de trabalho, de forma que cada pessoa possui muitos “eus”, um emergente para as várias pessoas com quem convive e situações sociais que vivencia; e o *Self espiritual* (spiritual self), o qual consiste em pensamentos e sentimentos sobre questões existenciais, questionamentos que o ser humano faz, como por exemplo pensar sobre quem ele é, sua origem, seu destino (James, 1890).

De acordo com Haguette (2003), Mead (1934) expõe a gênese do Self e indica a precedência da sociedade sobre o Self, a sociedade representa dessa forma o contexto onde o Self emerge e se desenvolve. Mead enfatiza que da mesma maneira que o indivíduo age socialmente em relação aos outros indivíduos, ele interage socialmente consigo mesmo, tornando-se assim objeto de sua própria atenção. Diante disso, o Self, da mesma forma que outros objetos, é formado das definições que outras pessoas fazem sobre ele servindo de referencial para que ele possa ver-se a si mesmo e tornar-se dessa forma objeto de suas próprias ações dentro da sociedade. O Self representa então um processo social no interior do indivíduo, o Self é dinâmico, ele evolui e se modifica de acordo com as interações do indivíduo com os outros e consigo mesmo (Mead, 1934).

Gordon Allport (1961), leitor de James, aperfeiçoou em seus escritos as reflexões teóricas deste último sobre a temática em tela e fez uma análise mais detalhada sobre a estrutura do Self, abordando sete aspectos de interesse sobre o construto - as funções do Self: o *Self Corporal*, a *Identidade de si*, a *Auto-estima*, a *Extensão de si mesmo*, a *Auto-imagem*, o *Pensador racional* e o *Esforço próprio*<sup>1</sup>.

O *Self Corporal* (bodily self) consiste em sensações corporais oriundas da internalidade do corpo próprio, e estabelece a diferença entre eu e não-eu. A *Identidade de si* (self-identity) refere-se ao sentimento de continuidade ao longo do tempo que os seres humanos experimentam. A *Auto-estima* (self-esteem), refere-se ao quanto se gosta, valoriza ou se sente confiante em relação a si mesmo. A *Extensão de si mesmo* (extension of self) incorpora o *Self material* de James, mas também engloba posses e membros da família e entes próximos. A *Auto-imagem* (self-image), tem como referência o eu ideal: o que os pais e outros agentes de socialização querem que seus subordinados sejam. O Self como *Negociador racional* (rational coper), parece ser a versão adolescente da questão da identidade, entre os 6 e 12 anos de idade a criança começa a perceber que tem a capacidade racional de encontrar soluções para os problemas da vida, e assim, lidar de forma eficaz com as demandas da realidade. O pensamento reflexivo e formal aparece, e a criança começa a *pensar sobre o pensamento*. A criança ainda não confia em si mesma para ser independente, mas acredita que sua família, religião e grupo de pares estão certos. O *Esforço próprio* (propriate striving), em sua essência significa um senso de propósito, um tema central da vida, como algumas pessoas possuem um senso de propósito dominante e abrangente na vida.

O modelo mais contemporâneo e inclusivo que lê e incorpora os clássicos da psicologia do Self como James, Allport e Mead é proposto por Buss (2001). De acordo com o autor citado o Self é o *comportamento auto-relacionado*, isto é comportamento dirigido ao próprio self e diferente de outros tipos de comportamento, e que se traduz em duas características que são pilares de demarcação do Self humano: limites do eu e autoconsciência. Esses pilares servem para distinguir o comportamento auto-relacionado

---

<sup>1</sup> Optou-se por uma tradução livre dos aspectos do Self, dado não haver consenso crítico de como verter os nomes dos aspectos do Self definidos pelo autor da língua inglesa para a portuguesa do Brasil.

de outros tipos de comportamento social, comportamento relacionado à personalidade ou processos cognitivos gerais.

O primeiro pilar envolve o limite entre o Self e o não-Self (*boundary between me and not me*), as sensações que não estão abertas à observação dos outros como os sabores, odores e dores que fazem parte da experiência privada de cada pessoa. Além dessas sensações, há também fronteira espacial, uma área ao redor do corpo, que o delimita e há a ideia de Allport (1961) da extensão psicológica do self, que envolve a identificação com os outros indivíduos. A segunda característica definidora ou segundo pilar construtor de um self humano consiste na habilidade mental em prestar atenção em si mesmo, ser ao mesmo tempo o conhecedor e aquilo que é (re)conhecido, ou seja, a autoconsciência (*self-consciousness*).

De acordo com Buss (2001), a partir da ideia de comportamento auto-relacionado, para entender o Self e sua estrutura devemos considerá-lo como um conjunto de diferentes conteúdos ou facetas, os elementos que compõem o Self: *Foco corporal, Autoconsciência, Auto-estima, Identidade, Embaraço, Vergonha e Culpa, Privacidade, Empatia e Altruísmo, Autoconceitos e Auto-esquemas*.

O *Foco corporal (Body Focus)* é o mais básico senso do eu, é a distinção entre o eu e o outro, o limite onde o corpo termina e o ambiente começa. Cada pessoa tem um senso do seu corpo que não está disponível para os outros. E tem uma imagem corporal, uma ideia do que o seu corpo parece, o que não é necessariamente o mesmo que os outros veem. Um exemplo, algumas pessoas se veem obesas mesmo quando os outros as consideram magras. As reações aos corpos de outras pessoas são diferentes das auto-reações ao seu próprio corpo, sendo essa reflexividade um das dois pilares definidores do self humano, como citado anteriormente. A *Autoconsciência (Self-Consciousness)* é o vetor da atenção voltado para si mesmo, o Self como objeto de sua própria atenção. O foco pode ser na vida interior: sensações, emoções, motivos e fantasias que podem permanecer secretas para qualquer outra pessoa ou o foco pode estar na aparência e no comportamento social, que pode ser observado por outras pessoas. A *Auto-estima (Self-Esteem)* se refere a como o Self se autoavalia, envolve questionamentos como a utilidade de si, o sentimento em relação ao sucesso e fracasso, satisfação consigo ou desejos de

mudança. A *Identidade* (Identity) é um sentimento de singularidade, de se ser especial e diferente de todos, um sentimento de pertencer a uma família ou outro grupo social, uma consciência da herança étnica, o indivíduo pode estar tão envolvido com os outros membros de um grupo ou com uma causa que há uma espécie de junção de si com os outros.

*Embaraço* (Embarrassment) é quando com os outros, às vezes o indivíduo sente-se exposto e, portanto, envergonhado. Ou quando numa determinada situação ele é o foco de atenção de outras pessoas. *Vergonha e culpa* (Shame and Guilt) são emoções intensas e autocentradas e envolvem auto-atribuições negativas.

Percebe-se que as partes não observáveis do eu podem permanecer ocultas ou podem ser expostas aos outros, implicando que há um limite entre o Self e o não-Self, é a *Privacidade* (Privacy). Há também o segundo limite, a *Empatia e o Altruísmo* (Empathy and Altruism), nesse caso o limite do eu também é uma questão aqui no sentido de extensão do eu. Pode-se compartilhar indiretamente a felicidade de outra pessoa ou ter empatia pelo seu sofrimento. E pode-se ir além do interesse próprio para envolver-se em comportamentos altruístas. Ou o eu pode não se estender, mantendo uma distinção nítida entre o si mesmo e os outros, como refletido em ser antipático, indiferente ou egoísta.

Há ainda os *Auto-Conceitos* (Self-Concepts) e *Auto-Esquemas* (Self-Schemas), algumas pessoas têm eus imaginários, que podem nunca se realizar, mas são diferentes do "*Eu Real*" que elas conhecem. Um exemplo é o *Eu Ideal*, um objetivo de suas aspirações. Divergências entre esses eus imaginários e o real podem motivar uma mudança ou refletir um desajuste.

Para Buss (2001), os Elementos do Self não estão soltos, dispersos e desconexos, mas compreendem uma estrutura complexa, multidimensional e hierárquica. No modelo do autor são apresentadas dimensões psicológicas particulares que atuam como ferramentas cognitivas, ajudando-nos a entender as diferentes facetas do Self: as *Dicotomias*. Para entender de forma mais clara pode-se utilizar a analogia do Self como um mapa de diferentes regiões, cada uma com sua particularidade de clima e temperatura, as dicotomias funcionam como os agentes clima e temperatura que interligam cada região,



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

onde umas são mais quentes, outras mais úmidas que outras. As dicotomias podem ser divididas em Dicotomias Pessoais-Sociais e Dicotomias Gerais.

Quanto às dicotomias Pessoais-Sociais, o termo pessoal refere-se a questões de interesse privado e o termo social refere-se a questões relacionadas com o Self que envolvem outras pessoas, essa dimensão Pessoal-Social se aplica a todos os aspectos do eu e inclui várias dicotomias subordinadas.

A pessoa pode se concentrar em aspectos do eu que só ela conhece, ou se concentrar em algo que pode ser observado por outras pessoas, a direção de sua atenção é diferente nos aspectos observáveis e nos aspectos não observáveis de si mesmo. Essa é a dicotomia público-privada, como exemplo a Autoconsciência.

Há a dicotomia que envolve a autodefinição grupo-indivíduo, ela é essencial na tentativa de entender a identidade. Ela é definida por sua individualidade e sentimento de singularidade (pessoal) ou por sua associação e sentimento de afiliação a um grupo (social).

Na dicotomia direta-vicária, o indivíduo pode sentir-se feliz ou triste por eventos que acontecem diretamente com ele, ou pode experimentar essas emoções porque elas estão ocorrendo em algum outro self (vicário), como as ocorrentes com outra pessoa. Um exemplo disso é a empatia.

Há ainda a dicotomia aberto-fechado. O indivíduo pode revelar o conteúdo do seu interior (memória, sentimentos, ambições) para os outros ou mantê-lo em segredo. As pessoas que não desejam se revelar para os outros podem esconder seu verdadeiro eu, da mesma forma que um ator faz quando interpreta um papel, o que envolve a dicotomia interior-exterior. Essa dicotomia é relevante para o foco corporal: sensações internas (internas) versus imagens corporais (externas).

Sobre as Dicotomias Gerais tem-se a dicotomia múltipla-unitária, existem inúmeras fontes diferentes de autoestima, por exemplo, alcançar o sucesso, pertencer a um grupo que alcança o sucesso ou o desejo de outros. Ao mesmo tempo, cada pessoa tem um senso de autoestima global, que é mais do que a soma das fontes particulares de autoestima, como aparência, moralidade, competência intelectual, etc. Deve-se então,



considerar a autoestima de ambas as perspectivas, examinando-a como múltipla e unitária.

Existe ainda a Dicotomia continuidade-descontinuidade, como exemplo, a identidade, um sentimento de que o indivíduo no presente é a mesma pessoa que era no passado, embora em alguns aspectos, esteja diferente. Pode haver descontinuidade, por exemplo, se a pessoa mudou da infância para a adolescência, seu corpo sofreu mudanças mas ela ainda sente como se fosse a mesma pessoa.

Algumas questões envolvendo o self são mais importantes que outras. Esta é a dicotomia central-periférica, como exemplo considerando as várias fontes de autoestima. A habilidade física será essencial para a autoestima de um atleta, mas a habilidade musical será trivial. Para um pianista, a habilidade musical é um forte determinante da autoestima, mas não a atlética.

Em suma, as análises de James, Allport, Mead e Buss lançaram as bases para todo o pensamento teórico sobre o Self contemporâneo na Psicologia, esses modelos iniciais não desapareceram, são válidos e influenciam as abordagens atuais do Self em psicologia e teorizações recentes em psicologia clínica, discursiva, cognitiva, dentre outras. Dada a importância capital assinalada aos processos autofocalizadores na constituição e edificação no tempo de um senso de Self, convêm entrar em considerações mais substanciais sobre este sistema cognitivo, o que far-se-á na seção seguinte, no exame do estatuto da Autoconsciência na dinâmica estrutural do Self.

## **Autoconsciência e Self**

A busca por respostas através do campo filosófico, já nos trazia uma ideia do pensamento como ferramenta de exploração interna. Um exemplo trazido por Rodríguez (2005) é o filósofo Descartes, que fez referência a se chegar ao conhecimento da própria existência através do pensamento. Outro avanço que contribuiu no campo da autoconsciência, de acordo com o autor, foi a ideia de William James (1890) de haver três tipos de “Eu”: o material, social e espiritual. Além disso, Rodríguez (2005) traz uma

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

contribuição de Rogers (1951) sobre a ideia de que o “Eu” se forma a partir da *matéria-prima* dos conceitos por meio do pensamento reflexivo, que segundo o autor, pode ser conceituado como uma *configuração organizada de percepções do self*. Mas foi com Wolff (1932), segundo Rodríguez (2005) que surgiu a metodologia de estudo da autoconsciência objetiva. Sua pesquisa buscou o resultado de experiências que induzia os participantes a prestarem atenção em aspectos físicos de si mesmos, através de fotos, gravações de vozes, etc. Ainda de acordo com Rodríguez, Wolff percebeu que havia um fenômeno de resistência nos indivíduos envolvidos na pesquisa, de se perceberem através de estímulos que mostrasse alguma parte de seus corpos, ou até a própria voz, o que o levou a pensar que o reconhecimento de si ativava algum estado afetivo, isso, por exemplo, explicaria a recusa em reconhecer a própria voz, de acordo com o autor. Através da descoberta desse fenômeno, para Rodríguez (2005), Duval e Wicklund avançaram nas observações nas pesquisas de indução ao “Eu”. Nesse sentido, esses teóricos chegaram a ideia de considerar essa experiência indutiva um gerador de conjuntos inteiros de afetos psicológicos desagradáveis. O aspecto central de sua linha de pensamento é que, ouvir a própria voz, se olhar no espelho, ou não estar incluso em um grupo, possibilita o foco em um “Eu” mais distante.

Essa teoria de autoconsciência objetiva, está na base das diferenças teóricas de autoconsciência e busca explicar os fenômenos psicológicos relacionados a este sistema cognitivo. Segundo Rodríguez (2005) na autoconsciência reside o aspecto autorreflexivo que está ligado a capacidade de autoconstruir/reconstruir a si mesmo.

Os autores definem a autoconsciência como um estado em que o sujeito se coloca como objeto de atenção própria. Wicklund sugere chamar essa teoria de *atenção autofocalizada*, entre outros termos relacionados a autoconsciência, também se destaca *auto-atenção* e *autofoco*. No geral esses teóricos concordam que são as discrepâncias no exercício do autofoco entre o Eu real e o Eu ideal que produzem efeitos negativos. Esses efeitos estão possivelmente relacionados com: *culpa, expectativas, fuga, autoestima, depressão, disfunções sexuais, obesidade, bulimia, estresse, aflição, vários distúrbios de ansiedade, alcoolismo*. Mas também tem sido investigados aspectos relacionados à efeitos positivos, como: *independência, efeito civilizatório, honestidade, cooperação,*

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806*  
*conscientização dos sentimentos, autoregulação, autocontrole, comportamentos de ajuda, comportamentos pró-sociais.*

Rodríguez (2005) cita os conceitos básicos da teoria de autoconsciência objetiva que explicam o funcionamento do autofoco, além de relatar o que é produzido por esse autofoco. Alguns conceitos básicos, são: *Atenção dicotômica e grau de autoconsciência; Direção da atenção; Estímulos de autofocalização; Estímulos distratores; Papel dos estímulos; Desindividuação; Estado e característica da autoconsciência; Teoria motivacional; valência das discrepâncias; Efeitos de afetos negativos; Autoavaliação; Autocrítica; e Fuga da autoconsciência objetiva.*

Segundo referenciado por Rodríguez (2005) *Atenção dicotômica e grau de autoconsciência* para Duval e Wicklund, diz respeito a atenção do sujeito dirigida completamente para o “Eu”, não contemplando um estado de atenção dividido entre o Eu e o meio ambiente. Os autores têm considerado a oscilação entre o “Eu” e não “Eu”, sugerindo que quanto maior o tempo em estado de autofoco, mais altos se encontrarão os indicadores de autoconsciência. Sobre o conceito de *Direção da atenção*, o autor aborda a ideia de que a atenção consciente é determinada pela complexidade dos estímulos, que podem ser os que induzem os indivíduos ao estado de objeto de atenção, e os estímulos que induzem a atenção para fora do sujeito. De acordo com o autor, quanto mais distrações externas, menos foco em si mesmo. Sobre o conceito de *Estímulos de autofocalização*, o autor alega que são os estímulos que atraem a atenção do sujeito para si, aumentando a autoconsciência objetiva. De acordo com teóricos como Buss, Duval, entre outros autores, símbolos ou imagens próprias provocam uma mudança na atenção do foco para o interior, como: a própria voz gravada, narrações sobre si mesmo e memórias de si.

O conceito de *Estímulos distratores* está relacionado, segundo Rodríguez (2005), aos estímulos que desviam a atenção consciente do Self para fora de si, como: sons, sinais que colidem com os sentidos e exigem atenção imediata. Sobre o conceito do *Papel dos estímulos*, para o autor, esse conceito diz respeito a função dos estímulos que é, atrair à atenção ao autorreflexo, podendo ser estendida a qualquer outra dimensão autorrelacionada. Ainda de acordo com o autor, o conceito de *Desindividuação* diz

respeito quando o sujeito tem dificuldades de manter a distinção entre si e os outros selves em determinadas situações como em: *concentrações de grupos, estádios de futebol, demonstrações políticas coletivas*. Pois nesses ambientes cada membro se percebe como um todo. Nesse conceito as pessoas mostram um comportamento padronizado, tanto em atitudes quanto em aspectos físicos.

Um conceito muito importante para a teoria da autoconsciência objetiva é o *Estado e característica da autoconsciência*, nesse conceito o autor alega que teóricos como Fenigstein, Scheier e Buss (1975) construíram uma *Escala de Autoconsciência* para avaliar disparidades de autofoco nos indivíduos, mais tarde essa escala foi integrada por Scheier e Carver (1985) acrescentando na teoria o conceito de autorregulação à ideia que “*autotraço*” pode ser visto como estado e como disposição, onde usa de manipulação experimental e é considerado ao mesmo tempo como um traço multidimensional. Nessa perspectiva de autoconsciência, o autofoco do sujeito pode ser classificado em aspecto privado e público do “Eu”. A autoconsciência privada diz respeito aos pensamentos, sentimentos, e toda experiência interna, privada, em primeira pessoa, do sujeito. A autoconsciência pública diz respeito ao que é acessível diretamente às outras pessoas, como a aparência, comportamento, entre outros. De acordo com Rodríguez, ambos aspectos de autoconsciência podem ser manipulados experimentalmente, enquanto os aspectos privados podem ser estimulados por meio de espelhos pequenos, ouvir a própria voz audiogravada, etc., os aspectos públicos podem ser manipulados por meio da presença de um público (audiências) e até da televisão, monitores, etc.

Sobre o conceito de *Teoria motivacional*, o autor afirma que a teoria da autoconsciência objetiva é motivacional, onde a emoção é teoricamente considerada. Para Rodríguez (2005) autores como Duval e Wicklund, trazem um raciocínio de que os efeitos negativos ocorrem com a atenção em uma dimensão intra-self. Para eles, os sujeitos se auto-encontram por si mesmos. Eles acreditam que as discrepâncias entre conquistas e aspirações desejadas contribuem para emoções negativas, isso porque o que o indivíduo vê de si mesmo, acaba não sendo o que ele almeja. Nesse sentido, para o autor, a atenção autofocada é aversiva para as pessoas, pois a autoatenção pode diminuir a autoestima, podendo ocasionar uma tendência a fugir dos estímulos de autofocalização.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Sobre o conceito de *Valência das discrepâncias*, Rodríguez (2005) alega que para Duval e Wicklund a atenção ao foco automático é invariavelmente aversiva, contudo, para Wicklund a autoconsciência pode também ser um estado desejável, pois em alguns momentos a pessoa pode se sentir bem consigo mesma, o que ocorre em situações de conquistas por exemplo. Contudo, houve uma observação sobre esse tópico, pois, perceberam que a cada conquista, um novo patamar de aspiração surge, podendo gerar discrepâncias negativas, ou efeito positivo maiores. Nesse sentido, os autores chegaram a conclusão que o recomendável é considerar que todas as discrepâncias são negativas, embora em algumas experiências gere resultados positivos, mas com o tempo haverá um esforço maior para superar os sucessos obtidos, o que possivelmente contribuiria para discrepâncias negativas.

O conceito de *Efeitos de afetos negativos*, de acordo com Rodríguez (2005) consiste em dois aspectos, evitar estímulos de autofocalização automática e reduzir as discrepâncias. Segundo os autores, essas reações possuem uma ordem de preferência, isso porque o afeto negativo é motivacional. Nesse sentido, a resposta à autoconsciência será a fuga do indutor de autofoco, ou esforço para se distrair. É portanto, mais fácil lidar com a tentativa de diminuir as discrepâncias do que lutar contra a autoconsciência. No *conceito de Autoavaliação*, o autor sugere que a autoavaliação influencia a entrada no estado de autoconsciência, a autoavaliação pode ser positiva ou negativa, dependendo da discrepância, se esta for positiva, a autoavaliação será positiva, envolvendo autoexaltação e autoestima, se a discrepâncias por negativa, o resultado da autoavaliação será desfavorável. Quando o resultado é negativo, o resultado é *evitação*, fuga, redução de discrepâncias, o que envolve baixa autoestima e autocrítica.

Para Rodríguez (2005) a capacidade do ser humano de refletir sobre si mesmo como objeto de atenção, evidencia um conjunto de habilidades mentais, que permite acessibilidade aos esquemas de informações autorreferidas, através da autorreflexão ou autodirecionamento. Esse condicionamento ocasiona uma consciência de discrepância entre o *Eu real* e o *Eu ideal*, causando na maioria das vezes afeto negativo e ansiedade.

De acordo com Morin (2006) para as teorias neurocognitivas, a consciência deve ser considerada em níveis diferentes para se poder analisar possíveis convergências e

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

divergências. Nesse processo se destacam dimensões diferentes, onde uma forma mais elevada de consciência passou a ser classificada como Autoconsciência. Para Nascimento (2008) a autoconsciência é uma forma de consciência reflexiva, onde o self e qualquer auto-aspecto torna-se observável. Buss (2001) aponta a autoconsciência como um dos pilares de construção e elemento do Self, onde segundo ele, a atenção do indivíduo é voltada para si mesmo, sendo o foco voltado as próprias “*sensações, emoções, motivos e fantasias*”, que são privados ao sujeito, se o mesmo não relatar, essas informações não serão acessadas por outras pessoas.

Devido a diversidade teórica, fez-se necessário uma tentativa de organizar todas as ideias e descobertas propostas por teóricos anteriores e modernos, a respeito do campo da consciência para compará-las e possibilitar a análise dos aspectos necessários e obter maior compreensão da mesma, de acordo com Morin (2006).

O diálogo entre as teorias proposto por Morin (2006) possibilitou olhar para a consciência de forma mais abrangente, principalmente no que diz respeito a autoconsciência. Nesse sentido, a autoconsciência nos traz um universo a ser contemplado e que precisa ser mais explorado.

Para Morin (2006) nos últimos anos, perspectivas teóricas de autores diferentes, vêm contemplando aspectos como: consciência primária e reflexiva.

Na consciência primária, de acordo com Morin (2006), o indivíduo experimenta diretamente *percepções, sentimentos, pensamentos e memórias*. Na consciência reflexiva, é onde está o nível mais alto, quando o organismo pode pensar sobre suas experiências internas, subjetivas e privadas a ele.

Nesse sentido, inicialmente o autor sugere dimensões de consciência, onde está incluída a autoconsciência como um nível mais complexo e sofisticado cognitivamente. Nesse nível, o sujeito presta atenção a si mesmo; precisa estar desperto; tem percepções, sensações e pensamentos, que ocorrem por meio de estímulos do ambiente. O organismo se torna objeto de sua própria atenção, olha para o próprio interior, torna-se reflexivo, e processa a autoinformação, é consciente de que está acordado experimentando e analisando atividades mentais, podendo concentrar-se em aspectos pessoais privados, que

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

não são observáveis externamente, como: sensações, emoções, percepções, objetivos, valores. Ou por meio de aspectos públicos que podem ser observáveis externamente, como: comportamento e aparência física. O autor também observa que pesquisas apontam que o foco desses estados pode variar, contribuindo para diferenças motivacionais, cognitivas, sociais e comportamentais, o mesmo se aplica a consciência e autoconsciência, ambos produzem efeitos distintos. Entre alguns processos implicados na autoconsciência citados pelo autor, encontra-se: recuperação da memória autobiográfica, autodescrição, auto-avaliação e autofala. O nível mais avançado de consciência é a meta-autoconsciência, uma extensão da autoconsciência objetiva, que ocorre quando um organismo é consciente que está autoconsciente. Nesse caso, o próprio indivíduo relata que está ciente que está autoconsciente e, portanto, analisa suas próprias emoções e sentimentos.

Para Nascimento (2008) a abrangência no campo de estudo da consciência colabora para uma revolução cognitiva, no sentido de que sua reestrutura compreende o aparecimento de outros níveis de consciência superiores, reflexivas e autobiográficas. Ainda segundo o autor, a consciência passa por etapas, tornando-se mais sofisticada ao ascender a níveis diferentes. Morin (2006) alega que para analisar os níveis superiores de consciência, é necessário considerar variáveis como: o tempo e a complexidade da auto-informação. Outras variáveis destacadas pelo mesmo, é a frequência do autofoco, a quantidade/acessibilidade da informação ao autoconhecimento.

Através da análise de tipos de auto-informação e níveis de consciência, Morin (2006) destaca que o processamento da auto-informação sugere atividade cognitiva significativa, uma vez que a informação será representada de forma abstrata, passando por processo e transformação.

Pode-se levar a pensar que obter autoconhecimento ou passar muito tempo se auto-analisando pode ser vantajoso, mas Morin (2006) aborda alguns aspectos relevantes sobre o autofoco que aponta para um cuidado, que é a reflexão, onde o sujeito se destaca por ter curiosidade sobre o self, busca aprender sobre suas emoções, valores, atitudes, vasculha suas autodimensões. Este tipo de autoavaliação, de acordo com o autor, tem sido apontado pela literatura como estando associado ao funcionamento saudável, enquanto



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

na ruminação, o indivíduo sofre um estreitamento da apreensão do self, em torno de áreas mais frágeis, ou consideradas menos honrosas de um ponto de vista de comparação social. Como efeito colateral se destaca ansiedade e apreensão sobre o self, conflitando com a autoestima, passando mais tempo em autofoco, e questionando-se, incluídos neste autofoco ruminativos autoaspectos como a aparência física, moralidade, habilidades, esperança quanto ao futuro, etc., sendo tal conduta autofocalizada, para Morin, associada a sofrimento psicológico e a desajustes emocionais.

Nascimento (2008) aborda que é através da autoconsciência que o indivíduo examina suas características, como: aparência física, comportamentos, emoções, etc. Portanto, de acordo com o autor, a autoconsciência é uma capacidade única do self, encontrado em humanos e primatas, pode moldar comportamentos e sentimentos através da autorreflexão.

Nascimento (2008) observa que pesquisas empíricas apontam para a relação entre a autoconsciência e processos cognitivos. É evidente que pessoas mais autoconscientes reagem mais forte a rejeição, conhecem mais a si mesmos, inferem mais sobre os outros. Para o autor, é atribuído ao self reflexivo, vantagens herdadas de nossos ancestrais que nos impulsionou a evoluções, onde pode contribuir para o autocontrole, autoavaliação, tomada de decisão, etc. Em contrapartida, a capacidade de o self de autorefletir distorce nossas percepções sobre o mundo, induzindo a equívocos, causando sofrimento pessoal, principalmente, através de emoções autofocalizadoras sobre passado ou precipitação do futuro. Portanto, pessoas autoruminadoras, com altos escores em autoruminação, mantém-se em foco de atenção, em estado de ansiedade, aspectos aversivos do self que se submete às disfunções da autofocalização. Por isso, o autor reforça que muito provavelmente, a autoconsciência não deve possuir uma natureza unitária, e sim que se deve representar um conglomerado de operações de autofocalização, que está a ser ainda desbravado e compreendido na pesquisa cognitiva ao presente.

Para Morin (2006) não existe self sem alguma consciência, é necessário o mínimo possível de consciência que possibilite o indivíduo interagir com o ambiente. Buss (2001) discorre que o self é *uma estrutura cognitiva*, dotado de características inerentes ao ser humano. Para Nascimento (2008) o self vem sendo descrito como agente cognitivo

reflexivo, resultado do processo social. Dependente de outros selves para se desenvolver, pois é através das trocas de linguagem e discursões que se torna capaz de se autoreferenciar. É necessária interação social para haver um sentido de realidade e identidade. Segundo o autor, pesquisas sobre níveis de autoconsciência abordam a capacidade do self humano de se projetar no passado ou futuro, ou de contemplar eventos relacionados a autopercepção no tempo e na criação de uma memória autobiográfica.

Pelos motivos acima detalhados, há consenso de ser a autoconsciência um parâmetro cognitivo central, aspecto primacial do processamento cognitivo em humanos, e muito possivelmente, também em animais não-humanos filogeneticamente mais evoluídos, em especial, os mamíferos e primatas.

## **O Autoconceito fenomenal**

Esta seção terá uma primeira parte dedicada a definir o construto do autoconceito, as justificativas para a escolha da abordagem fenomenal no estudo deste construto psicológico, e as características desta abordagem. Uma segunda parte está dedicada a definir o modelo que foi escolhido como o mais relevante para a proposta deste artigo. E uma terceira parte dedicada a justificar laços entre os aspectos desenvolvimentais dos indivíduos humanos e como estes se relacionam com o autoconceito fenomenal.

Foram propostos muitos sistemas teóricos para o estudo do autoconceito (self-concept). Uma forma grosseira de resumir o ponto no qual todas as proposições concordam seria afirmar que o autoconceito trata-se do conjunto de todas as declarações do indivíduo feitas sobre o conjunto, ou algum elemento do conjunto, de elementos que considera parte de si, sendo este conjunto o que é, *lato sensu*, chamado de Self.

A partir de breves exposições feitas por Epstein e por L'Ecuyer é possível perceber que diversas teorizações atribuem propriedades diferentes ao self. Uma primeira categoria de propriedades se refere a vê-lo como processo, outras como um espaço, e outras como uma coisa (um exemplo, respectivamente, de cada posição seriam as teorizações de Sullivan apresentadas por Epstein, o modelo estrutural de Freud e as

teorizações de James). Uma segunda categoria refere-se ao self ser visto como unitário (Adler) ou multifacetado (James), que dizem se ele é entendido como uma substância reguladora soberana ou como diversas porções concorrentes que coexistem numa busca de coerência interna. Uma terceira categoria se ele é um modelo hierárquico (James) no qual certas porções se sobrepõem ou onde coexistem em constante conflito (Self narrativo). Uma quarta categoria de interesse para este artigo é se este construto (self) é estudado a partir de uma perspectiva fenomenal ou não-fenomenal.

O trabalho conjunto de Snygg e Combs será utilizado para aqui expor as características do enfoque fenomenal. Eles propõem uma nova forma de possibilitar a predição, e o controle, do comportamento individual. Iniciam por uma crítica a escola behaviorista, escola da psicologia que atribui a fatores externos a determinação do comportamento. Afirmam que o quadro de referência baseado na observação externa apresenta dificuldade para explicar mudanças no comportamento em situações que não haja mudança no ambiente. Em situações deste tipo, os que partem do referencial externo acabam tendo que recorrer à fatores que não são externos para explicar o comportamento (fisiologia, experiências passadas e afins), por fazer do ambiente a causa determinante do comportamento (Snygg & Combs, 1949).

Para exemplificar o problema do quadro de referência externo, dão como exemplo uma situação em que um dos autores, com um passageiro ao lado, estava dirigindo um carro numa estrada durante o crepúsculo. O passageiro tomou o volante e tentou desviar o carro da rota ao verem um objeto de 2 pés<sup>2</sup> de extensão, supondo ser uma rocha, enquanto o motorista se esforçou para segurar o volante e manter a rota por acreditar ser uma “tumbleweed<sup>3</sup>”. Afirmam que do ponto de vista externo seria difícil entender a diferença na reação dos indivíduos envolvidos, porém tomando o ponto de vista interno de cada indivíduo se torna compreensível porque apresentaram reações tão diferentes.

---

<sup>2</sup> Unidade de comprimento.

<sup>3</sup> Estrutura comum em plantas da região de estepe no qual uma porção da planta acima da superfície fica seca e solta-se do resto do corpo da planta com o objetivo de ser levada pelo vento. É rotacionada frequentemente conforme o vento a leva. Consiste num mecanismo de dispersão de sementes. Se assemelha a uma bola de feno ou de vários fios de cabelos reunidos.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

A proposta então de uma abordagem fenomenal é partir do ponto de vista interno. Analisar o self da forma como ele se expressa e como é percebido pelo indivíduo, sem partir de formas *a priori* (como no caso da psicanálise, que sendo uma abordagem não fenomenal espera encontrar as mesmas estruturas em todos os indivíduos).

O modelo L'Ecuyer, considerado o mais relevante para este artigo, é apresentado pelo autor como um modelo integrado. Pois ele tenta reunir em um só modelo uma base teórica que contemple todas as dimensões dos modelos anteriormente estudados por ele. É um modelo multidimensional, fenomenal e hierárquico, criado com o intuito de conhecer melhor o autoconceito levando em conta o desenvolvimento da infância à velhice. Quanto a hierarquia, e as dimensões, distribui em diversas categorias as diversas proposições linguísticas gerada pelos sujeitos. E as categorias são agrupada em três níveis hierárquicos.

L'Ecuyer afirma que o autoconceito fenomenal é:

...definido então aqui como um sistema multidimensional «composto de algumas *estruturas* fundamentais que delimitam as grandes regiões globais do conceito de si mesmo<sup>4</sup>; cada uma destas compreende umas porções mais limitadas do si mesmo -as *subestruturas*-, as quais se fracionam a sua vez em um conjunto de elementos muito mais específicos -as *categorias*- que caracterizam as múltiplas facetas do conceito de si mesmo e procedem do próprio seio da experiência diretamente vivida, logo percebida e finalmente simbolizada ou conceitualizada pelo indivíduo» (L'Ecuyer, 1975a, p. 31). (L'Ecuyer, 1985, p.69)

As estruturas, que somadas resultam em 5, são: O si mesmo material, que se refere à porção corporal e aos objetos do qual o sujeito se sente possuidor; O si mesmo pessoal, que se refere às identidades e imagens que o indivíduo agrega a si; O si mesmo adaptativo, que se refere às avaliações feitas como reação às do indivíduo sobre a percepção de si e às ações tomadas em resposta a tais afetos; O si mesmo social, que se refere aos investimentos que os indivíduos direcionam às interações com os outros; E o si-mesmo -

---

<sup>4</sup> “Conceito de si mesmo” é outra possível tradução para “Self-concept”, logo equivalente ao termo “Autoconceito”.

não-si-mesmo, que se refere à enunciados que não falam de algum modo de objetos que não fazem parte do si mesmo<sup>5</sup>, mas parecem de algum modo afetá-lo. Em seguida há uma tabela que mostra como as subsequentes subestruturas e categorias se agrupam.

**Tabela 1.** Estruturas, Subestruturas e Categorias do modelo L’Ecuyer.

1. Si mesmo Material	A. Si mesmo Somático	1. Traços e aparência
	B. Si mesmo Possessivo	2. Condição física 3. Possessão de objetos 4. Possessão de pessoas
2. Si mesmo Pessoal	A. Imagem de Si mesmo	5. Aspirações 6. Enumeração de atividades 7. Sentimentos e emoções 8. Gostos e interesses. 9. Capacidades e aptidões 10. Qualidades e defeitos 11. Denominação simples
	B. Identidade de Si mesmo	12. Papel e estatuto. 13. Consistência 14. Ideologia 15. Identidade abstrata.
3. Si mesmo Adaptativo	A. Valor de Si mesmo	16. Competência 17. Valor pessoal
	B. Atividade de Si mesmo	18. Estratégia de adaptação 19. Autonomia 20. Ambivalência 21. Dependência 22. Atualização 23. Estilo de vida
4. Si mesmo Social	A. Preocupações e Atividades Sociais	24. Receptividade 25. Dominação 26. Altruísmo
	B. Referência ao Sexo	27. Referência simples. 28. Atração e experiências sexuais
5. Si mesmo - Não-si mesmo	A. Referência ao próximo	29. (Coincide com a subestrutura)
	B. Opinião do Próximo sobre o si mesmo	30. (Coincide com a subestrutura)

Nota: Adaptado de: “El concepto de sí mesmo” de L’Ecuyer, R., 1985, p. 70.

<sup>5</sup> “Si mesmo” é a tradução para o termo “self”, que em geral no português quando presente em nomes compostos toma a forma de “auto” para indicar reflexão.

L’Ecuyer (1985), sintetizou os resultados encontrados em diversos trabalhos que contribuíram no entendimento do *Desenvolvimento do Autoconceito* e delimitou seis etapas de referência para uma melhor compreensão dos resultados, sendo elas: De 0 a 2 anos; De 2 a 5 anos; De 5 a 10-12 anos; De 12 a 15-18 anos (Adolescência); De 20 a 60 anos (Vida adulta); De 60 a 100 anos (Velhice).

**De 0 a 2 anos (A emergência do si mesmo).** Nessa etapa o aspecto dominante é a diferenciação de si mesmo. Há uma progressiva distinção daquilo que é “si mesmo” do que não é “si mesmo”. É possível que as primeiras distinções entre si mesmo - não si mesmo se efetuem ao nível da imagem corporal. Através das sensações corporais, através dos múltiplos contatos com sua mãe, a criança aprende a reconhecer os limites externos de seu corpo e a distinguir seu corpo daquele outro que não é seu, as experiências de sensações corporais internas (tensão, fome, sede, etc.) também contribuem para a formação de uma imagem corporal progressivamente mais estável e mais reconhecida pela criança, à medida que a imagem corporal vai se estruturando, outras imagens de si mesmo, mais interiores, emergem simultaneamente, elas estão associadas ao estabelecimento da primeira relação afetiva e se refletem mais tarde na sensação de ser amado, de ter valor, sensações relacionadas à estima de si mesmo (autoestima).

**De 2 a 5 anos (A confirmação do si mesmo).** O aspecto dominante é a consolidação/confirmação de si mesmo, há elaboração das bases do conceito de si mesmo, mediante a construção do sentido de identidade, via as relações de posse, a linguagem, as identificações e as diferenciações, tudo isso diante das pessoas do círculo de vivência da criança, cujas reações influem em seu sentimento de valor pessoal.

**De 5 a 10-12 anos (A expansão do si mesmo).** O progressivo acúmulo de experiências (físicas, cognitivas, afetivas e sociais) conduz à formação de um conjunto de percepções (corpo, possessões, identificações, papéis, valores, qualidades) tornando mais complexo o conceito de si mesmo.

**De 10-12 a 15-18 anos (Adolescência).** A diferenciação de si mesmo é o aspecto dominante. A maturação e a proximidade das responsabilidades da vida adulta obrigam a uma formulação mais completa e autêntica de si mesmo. Alguns fatores implicados neste

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

processo de reformulação são: Maturação física, integração da imagem corporal (que inclui preocupações somáticas e com a aparência, adaptações ao sexo com que a pessoa se identifica e também ao oposto, entre outros), valorização de si mesmo e afirmação do sentido de identidade. O adolescente se esforça para afirmar-se e distinguir-se dos pais. Isso se exprime através de desejo por independência material, pelo desenvolvimento de traços de caráter, de maneiras de pensar e de se comportar mais personalizadas. Nesta busca de si mesmo, o adolescente pode vir a se identificar temporariamente, mas intensamente, com outros grupos, tidos como semelhantes e mais próximos de sua circunstância pessoal.

**Dos 20 aos 60 anos (O autoconceito na vida adulta).** Nessa etapa o autoconceito evolui e se reformula, especialmente em função de variáveis da vida adulta: Adaptação ao ofício; sentimento de adequação e de competência no trabalho; adaptação ao matrimônio ou celibato, à maternidade ou paternidade; êxito do matrimônio ou divórcio; evolução das capacidades físicas; status socioeconômico; papéis sociais, etc. A imagem corporal, o sentido de identidade e o grau de autoestima experimentam flutuações.

**Dos 60 anos em diante (O autoconceito na velhice).** Há dificuldades em estudar o autoconceito nesta faixa etária, o desenvolvimento do autoconceito das pessoas de idade avançada teria uma orientação em geral negativa devido a alguns fatores como: Percepção da diminuição das capacidades físicas; emergência de enfermidades; o impacto da aposentadoria associado com a marginalização; a perda da identidade profissional e social da vida ativa; a redução da vida social; a perda de pessoas queridas; o sentimento de solidão e/ou de abandono; mudanças no status socioeconômico; conflitos de valores com as novas gerações; etc. Estes eventos conduzem a uma reformulação do autoconceito em termos de status pessoal e social e de valor pessoal.

O modelo integrado de Autoconceito de L'Ècuyer constitui um importante avanço teórico na compreensão do conceito de si numa perspectiva de ciclo vital (life span) e fenomenal (vivencial), com foco nas autopercepções dos indivíduos de seu próprio self. Todavia, este modelo, à parte sua heurística, necessita ainda de melhor



corroboração transcultural, e alargamento de sua base empírica sustentatória. Seu uso na pesquisa, pode propiciar uma maior integração dos conhecimentos sobre as autorepresentações do self, e destas com o processamento cognitivo autoreferencial, incluindo sua interface com os processos de autofocalização (autoconsciência) dantes discutidos neste trabalho. Importante constatar, que este modelo teórico tem mostrado que o Conceito de si mesmo se desenvolve e evolui durante toda a vida humana.

## Considerações Finais

Neste artigo, foi feito um breve relato sobre o Self, nas abordagens de autores de significativa importância para a epistemologia da psicologia contemporânea, apresentando-o como um construto hierárquico, complexo, multidimensional e sempre atual. A autoconsciência foi aqui apresentada como um dos pilares demarcadores do Self humano, sendo portanto, um dos seus elementos constituintes essenciais para a formação de um conceito de si, bem como, sendo um de seus construtores.

Através da autoconsciência, processo cognitivo no qual o indivíduo direciona o vetor de sua atenção para o si mesmo, seu próprio Self, examinando a si mesmo, tornando-se objeto de sua própria reflexão, o sujeito tem acesso a informações privilegiadas sobre ele mesmo e sobre a sua percepção sobre o mundo que o cerca.

Percebe-se, ao longo do tempo, um impulso teórico em desenvolver uma estrutura que consiga abarcar um conceito tão complexo e caro para história da psicologia. No entanto pontos de convergência são encontrados nos modelos teóricos de explicação do self. Quando se fala em *Self material*, para James, *Self corporal*, para Allport, *Foco corporal*, em Buss, ou *Si mesmo Material*, em L'Ecuyer, há uma clara noção da corporeidade na formação de um conceito de si, da mesma forma que a percepção que se tem desse corpo, enquanto entidade material para o sujeito, por meio de processos autoreflexivos que identificam tais e quais partes como sendo suas e não de outrem.

Outro ponto que não se aliena nos modelos é o papel que a interação do indivíduo com o meio social tem na formação de uma concepção de si mesmo. Desse modo, quando se destacam características do meio social como sendo partes do Self, seja na figura do *Self Social*, de James, *Identidade*, em Buss, *Si mesmo Social*, de L’Ecuyer, ou na teorização geral sobre o papel do *Processo Social* sobre a emergência do Self, proposta por Mead, está se pondo que o indivíduo é pensado necessariamente numa relação com o outro social.

Especialmente com relação ao campo social, são encontrados aspectos que se relacionam profundamente com a dicotomia público-privado referentes a teoria da autoconsciência. Esse fato fica expresso no modo com o qual o tipo de interação com o meio no qual se está imerso e compartilhando a todo instante de valores, ações e pensamentos, moldam o tipo de imagem que o sujeito pretende transparecer aos outros, para ir de acordo com os ideais do grupo, tem na formação da imagem que ele quer transparecer. Assim, necessariamente, o indivíduo tem que se tornar autoconsciente das características que são vistas para poder se reportar ao grupo.

O próprio conceito de Self se torna mais abrangente do que algo puramente introspectivo, imaculado pelo ambiente e fechado em si mesmo. O self tem na sua própria ontogênese um aspecto fundamental de abertura para com o mundo que o cerca que o permite se formar enquanto “si/ele mesmo”, no sentido mais autocentrado do termo. Ou seja, o *eu*, o *ego*, o *self*, o *proprium*, pressupõe uma relação si mesmo - não si mesmo, em termos do L’Ecuyer, para se definir enquanto ele mesmo.

Do mesmo modo, quando Allport usa o termo *Auto-imagem* ou quando *Auto-estima* é usado por Buss, há uma base de comparação estabelecida pelo indivíduo com relação a uma imagem idealizada de si. Como dito, essa imagem não é construída senão pelas interações, desejos, expectativas e méritos que se espera de uma pessoa no contexto no qual ela se encontra. Por esse motivo, estar autoconsciente é primordial para quem está se comparando com o seu eu ideal, uma vez que, ele precisa saber não só com desejaria estar, mas como se encontra no momento em que faz a comparação e a autoavaliação dos parâmetros atuais.

Quando James utiliza o termo *Me-Self*, por exemplo, para destacar o fato de o self se tornar objeto de análise, há um claro movimento no qual o eu se dobra sobre si mesmo, para poder investigar suas características próprias em uma ação de tomada de autoconsciência. Com essa distinção entre o *I-Self* e o *Me-Self*, James apontava para o que Durval e Wicklund poriam em termos da teoria da autoconsciência objetiva.

Desse modo, para a própria formação de um autoconceito é preciso que o sujeito esteja autoconsciente. Isso ocorre pelo fato de para que um indivíduo produza uma peça na qual destaque características de si, é preciso que ele tenha identificado esses aspectos como sendo dele mesmo, ou seja, tenha tido atenção a si mesmo. Com isso, independente da natureza dos atributos mencionados pelo sujeito, há a necessidade de, em algum momento ter estado autoconsciente.

Quanto ao caráter fenomenal no autoconceito, é importante destacar a proposta de se sair de um contexto behaviorista para se voltar para modos internos de descrição do comportamento. Assim, para que se tenha um relato de um comportamento por um indivíduo é preciso que ele descreva como experiencia tal evento. A descrição desse evento, em detalhes buscando entender os pormenores e conseguir a partir de relatos destacar o que é mais relevante e, com isso, fazer emergir uma estrutura explanatória sobre o Self, é o plano fenomenal.

Percebe-se aqui um enlace entre a autoconsciência e o relato fenomenal no momento que se pretende formar o autoconceito. Isso acontece pois, o relato fenomenal é dado sobre características de si mesmo, assim, um indivíduo que não estivesse autoconsciente não seria capaz de produzir um conceito sobre si mesmo, uma vez que, ele não teria acesso aos conteúdos de si.

Do mesmo modo, indivíduos que são mais autoconscientes, por terem maior acesso a conteúdos que dizem respeito a si mesmo, podem formular autoconceitos mais ricos, elaborados e precisos. Em decorrência disso, o relato fenomenal estaria mais saturado de autopercepções permitindo uma descrição de uma experiência mais profunda do que é ser ele mesmo.

Assim, percebe-se que, embora diversos pesquisadores tenham trabalhado com o conceito de Self, há pontos em comum entre suas formulações a serem explorados pelos pesquisadores contemporâneos. Além disso, foi possível encontrar enlaces desse construto com a autoconsciência e com o autoconceito, uma vez que, para que o sujeito se perceba como si mesmo, faz-se mister um processo de autofocalização que permita que ele identifique ativamente características de si mesmo, as avalie, reconfigure, e assuma, assim, novas e mais complexas formas de autorepresentação (autoconceito), e autovivência (autoconsciência fenomenal) ao longo do tempo.

## Referências

- Allport, G.W. (1961). *Pattern and Growth in Personality*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Buss, A. H. (2001). *Psychological Dimensions of the Self*. London: Sage.
- Duval, T. S., & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic
- Epstein, Seymour (1973). The Self-Concept Revisited: Or a Theory of a Theory. *American Psychologist*, 28, 404-414.
- Haguette, T. M. F. (2003). Metodologias qualitativas na Sociologia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 87 (29-31).
- James, W. (1968). The Self. In C. Gordon & K. J. Gergen (Eds.), *The Self in Social Interaction* (pp. 41-49). New York: John Wiley & Sons. (Original publicado em 1890)
- L'Ecuyer, R. (1985). *El concepto de sí-mismo*. Barcelona: Oikos-tau.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, Self, and society* (Edited and introduction by Charles W. Morris). Chicago: The University of Chicago Press.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Morin, A. (2006). Levels of consciousness and self-awareness: A comparison and integration of various neurocognitive views. *Consciousness and Cognition*, 15(2), 358-371.

Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo* (Tese de doutorado, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil).

Rodríguez, J. A. J. (2005) *Consciousness, Escritos de Psicología*. Universidad de Málaga España.

Rogers, C. R. (1959). A Theory of Therapy, Personality, and Interpersonal Relationships: As Developed in the Client-Centered Framework. In S. Koch (Ed.), *Psychology: A Study of a Science. Formulations of the Person and the Social Context* (Vol. 3, pp. 184-256). New York: McGraw Hill.

Snygg, D., & Combs, A. W. (1949) *Individual Behavior: A New Frame of Reference for Psychology*. New York: Harper & Brothers publishers.

**Recebido 30/9/2019. Aceito: 20/11/2019.**

### Sobre os autores e contato:

**Alexsandro Medeiros do Nascimento** - Adjunto no Departamento de Psicologia da UFPE, Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, e Coordenador do Laboratório de Estudos da Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self – LACCOS / UFPE. Endereço para Correspondência com os autores: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Av. da Arquitetura, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, 50740-550, Recife – PE, Brasil. Telefones: [55-81] 2126-8272 / 2126-7330. Fax: [55-81] 2126 7331. Endereço eletrônico de contato: alexmeden@gmail.com.

**Antonio Roazzi** - Professor Titular no Departamento de Psicologia da UFPE.

Endereço eletrônico de contato: roazzi@gmail.com.

**Heitor Emanuel Alves Ribeiro** - Aluno do Curso de Graduação em Psicologia da UFPE, e bolsista PIBIC no período 2018-2019, sob orientação do Prof. Dr. Alexsandro Nascimento. Membro do LACCOS. O presente artigo fez parte das atividades do aluno enquanto bolsista PIBIC no intercâmbio científico com os demais membros do laboratório.

Endereço eletrônico de contato: heitor.zaza@gmail.com.

**Íris Manuelli de Souza Freire Lopes** - Assistente Social. Aluna do Programa de Nivelamento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, na componente curricular *Cognição Social*, no semestre acadêmico de 2018.1.

Endereço eletrônico de contato: irismanporto@hotmail.com.

**Vanessa Bezerra Cornélio Martins** - Fisioterapeuta. Aluna do Programa de Nivelamento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, na componente curricular *Cognição Social*, no semestre acadêmico de 2018.1. Membro do LACCOS.

Endereço eletrônico de contato: vanessa.cornelio@hotmail.com.

**Lucas Nonato Souza e Silva**- Bacharel em Filosofia. Bacharel em Ciências Sociais. Mestrando em Psicologia Cognitiva. Bolsista CNPq. Membro do LACCOS.

Endereço eletrônico de contato: nonatos\_18@hotmail.com